



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
abertura da 2ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar**

Teatro Guararapes – Olinda, PE, 17 de março de 2004

Meu caro José Mendonça Bezerra Filho, governador em exercício do
estado de Pernambuco,

Meu caro Patrus Ananias, ministro de Estado de Desenvolvimento Social
e Combate à Fome,

Meu caro companheiro Marinho, presidente do Conselho Nacional de
Segurança Alimentar e Nutricional e presidente nacional da CUT,

Meu caro Humberto Costa, ministro da Saúde,

Meu caro Eduardo Campos, ministro de Ciência e Tecnologia,

Meu caro Walfrido Mares Guia, ministro de estado do Turismo,

Meu caro Ciro Gomes, ministro de Estado da Integração Nacional,

Meu caro Miguel Rossetto, ministro de Estado do Desenvolvimento
Agrário,

Meu caro Olívio Dutra, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro João Paulo, prefeito da cidade de Recife,

Companheira Luciana Santos, prefeita de Olinda,

Minha companheira Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas para
as Mulheres,

Companheira Matilde Ribeiro, secretária especial de Políticas de
Promoção da Igualdade Racial no país,

Companheiros parlamentares aqui presentes,

Deputados estaduais, deputados federais,

Companheiros da direção do Consea, companheiras,

Delegações estrangeiras,

Companheiros das várias entidades patrocinadoras deste encontro, e



que têm contribuído de forma decisiva com o programa Fome Zero: Banco do Brasil, Eletrobrás, Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste, Sebrae, Petrobrás, Telemar, apoios institucionais: companheiros da FAO, Unesco, ONG Apoio Fome Zero, Fubra e tantos outros. Meus companheiros da Eletrosul, que estão aqui na pessoa do companheiro Milton Mendes,

Meus companheiros,

Eu quero começar mostrando para vocês que como eu estou com sono, não estou com fome, o meu problema aqui, hoje, é sono zero. Eu estou com um pequeno discurso aqui de uma quantidade de páginas que vai permitir que vocês fiquem acordados por uma meia hora. Mas eu quero, primeiro, agradecer e prestar uma homenagem a um companheiro que está junto comigo há 30 anos. Não sei se ele está junto comigo há 30 anos, se é o mesmo período que eu estou junto com a Marisa, ou se ele está um pouquinho à frente ou um pouquinho atrás, que é o meu companheiro José Graziano Silva, que foi, até um mês atrás, o meu ministro Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome.

O companheiro Graziano trabalhou comigo antes, durante, e vai continuar trabalhando, sendo ou não ministro, porque eu acho que esse companheiro tem um inestimável serviço a prestar para o nosso país. E não importa ser ministro ou não se as tarefas são para atender aos interesses e à demanda da sociedade brasileira. Portanto, eu acho que o companheiro Graziano cumpriu um papel excepcional no momento mais difícil, porque vocês sabem que quando a Direita conservadora governou o país, ninguém cobrou durante 10, 15, 20 ou 30 anos, resultados políticos da Direita. Mas quando somos nós, desde que ganhamos, eles querem que a gente faça em um ano o que eles não fizeram em 50 anos.

Eu me lembro que quando lançamos o programa Fome Zero, houve farta publicação na imprensa brasileira do fracasso do Programa. Ele não tinha nem



começado e já tinha fracassado. Ou seja, as pessoas incrédulas que não conhecem, não querem conhecer, que não acreditam e não querem acreditar passam a vender o negativismo exacerbado, sem dar tempo para que as coisas aconteçam.

Passados nove meses do programa Fome Zero, nós já tínhamos mais de dois milhões de famílias incluídas; já tínhamos atendido mais de 2.300 municípios; e já tínhamos organizado os Conselhos Gestores. Aí, aqueles que não acreditavam e que escreveram de forma negativa contra o programa Fome Zero pararam de escrever, ou seja, não escreviam nem contra nem a favor. Já que deu certo, para que dizer que deu certo? Como a gente não pode fazer *mea culpa*, fazer autocritica ou fingir que isso não é conosco, deixa passar.

Então, eu quero, Graziano, aqui na frente dos membros que fazem parte dessa Conferência, dizer que valeu a pena você ser ministro por um ano, na política de combate à fome. E ainda tem coisa para consertar: o Graziano fez vários convênios com prefeituras, com governos para compra de coisas e não pense que aparece o nome do Governo Federal não, viu Graziano; as pessoas pegam o dinheiro do projeto e utilizam como se fosse política do município ou do estado. Não aparece nem o programa Fome Zero nem o Governo Federal, que é uma coisa que a gente vai corrigir porque nós não queremos ter paternidade, nós queremos apenas ser respeitados naquilo que nós estamos fazendo neste país. Apenas isso.

Quero também agradecer ao trabalho do companheiro Frei Beto. Ele é a mais viva experiência – eu acho que nós somos a primeira experiência no Brasil – de um Governo que tem gente para organizar e fazer um trabalho de base, pelo Governo, na população.

O Frei Beto tem feito um trabalho insano tentando organizar o que ele chama de talheres, de garfos, de faca, de prato, de mesa, tem viajado por este país, tem feito debate, tem enfrentado desafios e a cada dia que passa ele está mais animado porque está fazendo aquilo que ele sempre sonhou fazer, ou



seja, fazer as coisas que ele acredita para parte da população brasileira, na coordenação de um Governo que foi eleito para cumprir os compromissos que assumiu historicamente com a sua população.

Frei Beto perdeu o seu parceiro – porque eu tinha o Frei Beto para organizar a parte mais pobre da população, a parte ligada ao movimento social - e tinha o Oded Grajew para organizar os empresários. O Oded Grajew achou que poderia ajudar organizando o Ethos, onde ele era presidente, saiu e voltou para lá, e eu estou somente com o Frei Beto. Agora, vamos discutir com o companheiro Patrus se compensa remontar a equipe para que tenhamos o mesmo trabalho aprimorado que nós tivemos no começo do ano. Por isso Beto, minha gratidão e meu reconhecimento pelo trabalho prestado até agora.

Quero agradecer aos companheiros do Consea. A todos sem distinção, pela dedicação, pela preocupação com o tema antes do Governo, antes de eu ser Presidente. A maioria das pessoas que compõem o Consea são companheiros que, já em 1990, estavam trabalhando conosco na perspectiva de construir um projeto de política de segurança alimentar, sob a batuta do maestro José Gomes da Silva, pai de José Graziano – nosso companheiro que organizou o primeiro programa de segurança alimentar no Brasil – que foi entregue, em março de 1993, ao presidente Itamar Franco. Foi quando se criou o Consea, sob a batuta do dom Mauro Morelli e do companheiro Betinho, e que funcionou até 1994. Sobre a dúvida do Marinho, que perguntou: “Por que não houve a segunda Conferência?” É porque houve um Governo, entre o Governo Itamar Franco e o meu Governo, que não entendia que era necessário combater a fome, porque, para combater a fome, ou as pessoas têm compromisso e solidariedade com os outros ou as pessoas já tiveram experiência, porque nem todo mundo que toma café da manhã, almoça e janta todo dia é obrigado a reconhecer que tem que se preocupar com aqueles que têm fome.

E não aconteceu a Conferência. Nós poderíamos estar fazendo aqui a



quinta, a quarta, a sexta Conferência. Estamos fazendo a segunda e não temos por quê reclamar. Vamos fazer a terceira, vamos fazer a quarta e vamos fazer quantas conferências forem necessárias neste país, até que a gente ganhe uma organização como tem, hoje, a chamada Conferência Nacional da Saúde, que é, pela experiência e pela tradição da sua origem, a mais organizada de todas as conferências que temos no Brasil. E, portanto, espero que a gente chegue a isso.

Quero cumprimentar os companheiros dos Conselhos Gestores que foram criados por milhares de municípios neste país. Pessoas que não têm notoriedade, que nunca saíram na imprensa, que nunca apareceram em fotografias, nunca deram entrevista na televisão, nem, quem sabe, se aproximaram do Presidente da República. Poucas vezes conseguiram chegar perto do ministro, mas são pessoas que acreditaram que, para fazer o bem ao seu semelhante não precisavam ser amigos do Presidente, devem apenas acreditar na causa. E a causa é justa, é nobre e merece o trabalho de todos.

... eu não sei o que falei, mas eu tentei falar alguma coisa para ela. Até porque todos nós somos seguidores de uma pessoa que escreveu um livro chamado Geografia da Fome, um ano depois que eu nasci. Eu acho que foi depois que nasci que ele foi inspirado a escrever a Geografia da Fome, porque eu me lembro da minha mãe brincando comigo, dizendo que eu tinha as perninhas finas, a barriga grande e verme que não acabava mais. Então, não sei se foi coincidência, mas a Geografia da Fome foi escrita exatamente em 1946. Eu nasci em 1945. Portanto, eu tenho muito a ver com a Geografia da Fome.

Eu acho que o fato de Josué de Castro ter tocado nesse assunto muito antes de 1946, é porque, quando ele escreveu o livro, ele já tinha um conhecimento acumulado do problema muito grande. O dado concreto é que, se formos analisar concretamente, pouca coisa foi feita para combater a fome desde que Josué de Castro produziu a sua grande teoria da Geografia da



Fome.

A fome, como a miséria no país, muitas vezes, é utilizada apenas como um instrumento, um recurso de oratória para arrancar aplausos no final de um grande comício. Mas, depois do comício, as pessoas não sabem o que é sentir fome, nunca passaram fome e, portanto, dizem: “não é meu problema, é problema de quem passa fome. Eu estou longe e fora disso”. É assim que funcionou a cabeça de muita gente neste país, durante séculos e séculos.

E a nós, foi dado o gostoso desafio de enfrentar todas as dificuldades e provar que nós temos competência para fazer as mudanças que, quem sabe, Josué de Castro tanto queria que acontecesse há mais de 50 ou 60 anos. E mais fácil ainda, é porque o problema da fome no Brasil – diferentemente da fome de outros países que não produzem os alimentos per capita, para sua população consumir – nós produzimos alimentos suficientes para contemplar a nossa população com as calorias e com as proteínas necessárias.

O nosso problema é outro. Uma grande parcela da sociedade não tem renda para comprar alimentos e, portanto, não tem acesso. E um outro problema muito sério é que, muitas vezes, no Brasil, quem tem fome não tem coragem de dizer que tem fome.

Eu me lembro que, quando eu era sindicalista, a gente ia fazer comício na periferia e eu ia visitar a casa de companheiros, e eles tinham vergonha quando a gente ia visitá-los. E eu costumava dizer na porta de fábrica: olha companheiros, a gente não pode comer mortadela e arrotar peru, a gente tem que comer mortadela e dizer que comeu mortadela, porque somente assim a gente vai tentar consertar as coisas. Se vocês mentem para mim dizendo que vocês estão tendo acesso a coisas que vocês não têm, eu serei enganado, mas vocês serão mais enganados do que eu.

Eu não me esqueço nunca. Eu passei um período muito difícil na minha vida, e dentre tantos períodos difíceis que eu passei, tem um, que eu me lembro. Nos idos de 1965, eu era adolescente, já tinha 20 anos idade, já tinha o



diploma de torneiro mecânico na mão e estava desempregado. Eu morava numa rua chamada Frei Padre Mororó, na Vila São José, em São Caetano do Campo, nº 1146. Nunca tinha havido enchente naquela rua, só no outro lado, porque eu morava na Ponte Preta. O meu irmão, Frei Chico, veio passear em Garanhuns, teve um bingo – eu proibi, agora, a existência de bingos – e ganhou, em 1946, um jipe junto com um primo meu. Ele chegou em São Paulo, vendeu esse jipe e nós compramos uma casa na vila que não enchia de água. No primeiro ano – nós mudamos em junho – em dezembro, teve uma enchente de um metro e meio dentro de casa. Era uma loucura.

Eu estou dizendo isso porque eu me lembro que era um sábado, a gente estava em casa e não tinha o que comer. E não ter o que comer – muitas vezes, a gente nem sabe o que é – é não ter o feijão com arroz para colocar no fogo; é, às vezes, ter o feijão, o arroz e água pura, e você saber que não tem sequer uma batata ou um ovo para fritar ou jamais sonhar que vai comer carne naquele dia. E, ainda hoje, no Brasil, milhões de pessoas passam o domingo sem comer um pedaço de carne, um pedaço de frango e, muitas vezes, não têm coragem de falar.

E eu me lembro que, na segunda-feira, dentro da fábrica, era o dia em que a gente comia melhor, ou seja, comia quem podia, porque era o dia em que a gente levava a sobra do domingo na marmita. Não sei se aqui as pessoas já comeram de marmita, se já levaram marmita para dentro da fábrica. Mas a marmita, Ciro, quando se leva um ovo frito, quando chega a hora do almoço, o bicho parece um olho de peixe morto, a gema já ficou esmaecida, está quase pedindo água de tão branca e a clara já ficou invisível. E eu me lembro que quando a gente tinha um ovo para levar na marmita já era uma alegria. Mas a segunda-feira era o dia em que as pessoas levavam coxa de frango, macarrão, bife à milanesa. Hoje, posso comer quantos bifés eu quiser. Mas, naquele tempo, tinha vontade de comer um por mês e não tinha.

Eu me lembro que, numa segunda-feira, eu cheguei com a minha



marmita, botei a bicha no marmiteiro para esquentar, ela esquentou. A gente sempre se senta com um grupo de amigos, não é? Quem está acostumado a comer de marmita sabe que a gente se senta sempre com os mesmos amigos. Parece uma confraria, é que nem os dominicanos, Beto, para almoçar. Eram as mesmas pessoas, um de frente para o outro, o mesmo assunto – futebol, não-sei-o-quê. E eu me lembro, como se fosse hoje, que todo mundo abria a marmita, um tinha um bife desse tamanho, um tinha uma coxinha de frango desse tamanho, outro tinha não-sei-o-que-lá. E eu, como não tinha tido muita coisa para comer no domingo, pensei comigo: “Vou abrir devagar a minha marmita, para só eu ver o que tem”. Aí, fui levantando a tampa da marmita, fui levantando e olhei: só feijão e arroz, não tinha mistura. Aí, peguei e fechei.

E um companheiro, daqueles desagradáveis, falou assim para mim – me chamavam de Taturana: “Ô Taturana, você não vai comer?” Eu falei: “Não. Eu não estou com fome.” “Ah, então, me dá a tua carne!” Eu não tive coragem de falar que eu não tinha carne e falei: “Não. Vou deixar para comer depois.” Aí, levei a marmita para o meu armário e, enquanto todo mundo estava trabalhando, eu ligava o torno – quem é torneiro aqui, sabe - dava um passe, ia até a gaveta, abria, comia a minha comidinha... porque a gente tem vergonha de reconhecer que é pobre, miserável. A gente gostaria de ser melhor.

É por isso é que o Joãozinho Trinta definiu, de forma extraordinária, que quem gosta de miséria é intelectual. O pobre, na verdade, se puder, se veste bem, come bem, tem um bom carro, tem uma boa casa.

Eu acho que, neste país, poucas vezes se cuidou desse assunto com a nobreza que ele precisava ser cuidado. Eu me lembro que eu era muito pequeno e, quando chegava um pobre – que chamávamos de mendigo, não chamávamos de bandido, não, era mendigo – na porta da nossa casa, a nossa mãe abria a porta, chamava o mendigo para dentro de casa e ele comia junto com os filhos da minha mãe, à nossa mesa, era tratado como um ser humano, com respeito.



Hoje, se chegar um mendigo na porta da casa da gente, as pessoas batem a porta e não querem saber se ele está com fome ou se está doente. Estamos com medo, estamos assustados e estamos aprendendo a construir uma sociedade onde nós somos o centro do mundo e não precisamos ajudar ninguém, porque nós não temos problemas. E, se não temos capacidade moral e ética de ajudar alguém que está precisando, pode ser que um dia precisemos e os outros nos tratem do jeito que nós os tratamos, quando eles mais precisaram de nós.

Vocês sabem que não estou dizendo isso para vocês, porque se vocês fossem assim, não estariam aqui. Vocês fazem parte daquele grupo de pessoas, que ainda tem muito no Brasil que, se tiverem um prato de comida são capazes de repartir para que a pessoa tenha metade do prato. Eu acho que combater a fome é uma coisa sagrada, porque o direito de comer é o direito mais elementar que existe na espécie humana.

A pessoa pode não ter ido à escola, pode não ter ido ao dentista, pode não comprar uma roupa nova mas tem que ter direito a comer porque, se não comer, não sobrevive; e se sobrevive sem comer, vai sobreviver com seqüelas profundas. Quem é médico, aqui, sabe que se uma criança não se alimenta corretamente até os seis anos de idade, poderá ter seqüelas incuráveis e, possivelmente, faça parte daqueles dados que a Organização Mundial da Saúde fala e que me assustam, quando diz que no Brasil tem 15 milhões de pessoas com algum problema de deficiência mental.

Se as pessoas tem algum problema de deficiência mental, justifica-se o discurso de que todos nós somos um pouco loucos. É preciso apenas a gente torcer para que a loucura não desperte em algum momento e a gente faça as loucuras que acontecem no nosso querido país, como a violência, a criminalidade e a marginalidade.

Então, essa política de combate à fome, para mim, é uma coisa sagrada. É mais do que uma política de Governo, pois a política de Governo termina



quando sai o Governo, porque, se o outro não concorda, pára. Essa tem que ser a chamada política da moral, da ética, da dignidade, onde todos nós, independentemente de sermos Governo, temos que estar comprometidos em levar essa política para frente.

É por isso que eu estou aqui, orgulhoso, nesta II Conferência, com o coração palpitando de alegria pelo que nós conseguimos até agora. Não pensem que foi pouco, não sejam humildes. Vocês que trabalham no Consea, no programa “Fome Zero”, vocês têm que bater no peito e dizer: nós temos orgulho do que nós já fizemos.

Quem é que não lembra a compra de alimentos que nós fizemos no semi-árido nordestino, pela primeira vez garantindo que aumentasse o preço da safra dos produtores de feijão do Nordeste, porque nós garantimos o preço para eles? É só acompanhar a parceria que nós fizemos com estados e municípios.

O que é verdade, nua e crua, é que se nós tivermos humildade para reconhecer, como foi reconhecido pela FAO, um dos melhores programas de nutrição deste país foi o programa de leite, feito pelo então presidente José Sarney, que acabou sem nenhuma explicação, porque tinha uma comunidade que roubava. Ora, quando há uma entidade qualquer que desvia alguma coisa, nós temos que punir aquela entidade e não acabar com um programa todo.

Quantos milhões de crianças vão dormir neste país e acordam sem poder tomar um copo de leite? Eu acho que nós temos que ter orgulho, pois até agora, nós já chegamos a 3 milhões 615 mil famílias. O importante é que a média da transferência de renda, feita no Governo passado – que tinha criado políticas de transferência de renda muito mais para eleger ministro, deputado federal –, era de apenas 22 reais. Nós não só já atingimos 3 milhões e 600 mil famílias, recebendo em média 73 reais, portanto, três vezes mais do que se recebia há algum tempo atrás, como vamos chegar em julho a colocar mais 901 mil famílias da região metropolitana deste país, e vamos chegar a



dezembro com 6,5 milhões de famílias recebendo, em média, os 73 reais.

Quando eu chegar, no dia 31 de dezembro de 2004, atendendo 6,5 milhões de famílias, meu querido Graziano e meu querido ministro Patrus, já teremos ultrapassado mais da metade da quantidade de famílias que nós nos propusemos a atingir em quatro anos. Portanto, estejam tranquilos de que nós vamos cumprir a meta. Deus queira que a gente não atinja 11 milhões de famílias, que metade delas consigam sobreviver sem precisar da política de transferência de renda do Governo. Mas se não conseguirem, o dinheiro chegará na sua casa com um cadastro honesto, feito com fiscalização, coisa que não é fácil, controlar 11 ou 12 milhões de famílias. Mas vamos fazer com seriedade.

O que é importante, meu companheiro Graziano, meu companheiro Patrus, meus companheiros, é que nós conseguimos transformar a fome num problema mundial, não num problema nacional. E tudo isso começou quando eu fui a Davos, no dia 25 de janeiro de 2003. Depois fui a Evian. E em todas as reuniões eu vou colocando o problema da fome. E eu coloco com muito carinho, porque nenhum presidente de um outro país é obrigado a ter passado pela vida que eu passei, portanto, eles não são obrigados a ver o problema como eu vi. E, portanto, eu não tenho que forçá-los a aceitar o que eu quero. Eu tenho que convencê-los.

Quando eu era mais ignorante do ponto de vista político, eu achava que eu tinha a verdade absoluta, então, o que eu falasse, os outros tinham que seguir. Mas você vai ficando velho, amadurecendo, apanhando, aí percebe: “espera aí, eu não tenho a verdade, eu tenho a minha verdade. Eu preciso submeter a minha verdade a outras”. E aí a gente vai construir uma verdade que nem é a minha, nem é a sua, é a nossa. Aí passa a ter o sentido da verdade, porque é o resultado coletivo de uma decisão e de um pensamento. Então, estamos tentando conversar com todas as pessoas.

Eu fui conversar com o presidente Bush, que estava preocupado com a



guerra do Iraque. Ele falou, e falou da guerra do Iraque. E eu disse: presidente Bush, a minha guerra é outra, a minha guerra, no Brasil, é contra a fome, não é contra os iraquianos.

Agora, fizemos um protocolo com o presidente Chirac e com o presidente Lagos. Criamos dois grupos técnicos para discutir uma proposta de criação de um fundo internacional, que eu não sei se vai ser uma espécie de CPMF internacional, não sei se vai ser uma taxa cobrada sobre o comércio de armas, sobre um comércio internacional, não sei se vai ser uma taxa cobrada sobre o dinheiro existente no paraíso fiscal. O dado concreto é que nós precisamos criar um fundo de desenvolvimento que possa ajudar os países mais pobres, não a receber cesta básica, mas a receber assistência técnica, conhecimento e financiamento para que possam produzir o seu próprio alimento, gerar empregos e fazer a distribuição de riqueza e de combate à fome.

Estamos marcando para dia 20 de setembro – quando se dará a abertura da Conferência das Nações Unidas – um encontro muito grande com os presidentes dos países mais importantes, onde a questão da fome será colocada na pauta. Nós vamos colocando e as pessoas vão ficando sensíveis. Vejam, eu aprendi uma coisa na minha vida: nem todo mundo é 100% bom, e nem todo mundo é 100% ruim. Eu acho que entre o bom e o ruim, você vai encontrar células de gente boa, uma parte boa. Você tem que aproveitar e, se a pessoa der apenas aquela parte que tem, já vai contribuir de forma decisiva.

Esta semana, outra vez, eu liguei para vários presidentes. Estou mandando uma carta para cada Presidente da República dos países do mundo inteiro. Falei com o Marinho: nós temos que mandar uma carta para o movimento sindical do mundo inteiro. Falei para as ONGs: nós temos que mandar uma carta para as ONGs do mundo inteiro, porque nós só vamos resolver o problema quando a gente transformar a fome num problema político. Ele, hoje, é só um problema social, a gente sabe que ele existe. Um problema



político é quando as pessoas que vivem o problema social estão em ebulição, estão se movimentando, protestando, gritando, exigindo. Aí as pessoas percebem: “espera aí, tem gente nova no pedaço”.

Quando aquelas pessoas que não estão organizadas em sindicato, que não lêem jornal, que não vêem televisão, que, muitas vezes, não escutam rádio, que nem sabem que tem CUT, que tem PT, PSB, PC do B, PMDB, e cuja única preocupação é sobreviver, quando elas aprenderem que têm força e começarem a se manifestar, aí todo mundo, a imprensa toda começará a escrever sobre elas, e os políticos começarão a se preocupar. Aí a própria Esquerda vai tratar de se organizar e tentar criar um grupo, porque é preciso organizar essa gente também. Aí estará dada a situação e, nós começaremos a resolver o problema da fome.

O mundo desenvolvido tem nos ajudado, sobretudo, o Banco Mundial e a FAO. As instituições têm nos dado uma mão muito grande, eu tenho recebido muita solidariedade. E logo as pessoas vêem que eu não passo fome, pela minha estatura aqui, e as pessoas vão falar: “Esse baixinho não passa fome.” Mas é importante que elas estejam preocupadas com a fome, porque eu já passei e sei como é que as pessoas se sentem.

E nós vamos conseguir criar um movimento, porque os países ricos, falam: “Nós já damos alimentos.” Vejam, isso é muita esperteza, porque muitas vezes os países ricos dão alimentos para justificar o subsídio que eles dão para os seus produtores. E como nós não queremos subsídios para os seus produtores, queremos que os países em desenvolvimento coloquem os seus produtos agrícolas dentro dos países desenvolvidos, pois nós queremos mais liberdade. Então, ao invés de dar esmola, vamos criar um fundo que pode ser organizado e dirigido por uma instituição multilateral da ONU. Um fundo que não esteja na mão de ninguém, e que também não caia na mão de nenhum governo corrupto, porque está cheio de gente passando fome no mundo e está cheio de governantes com conta na Suíça e nos paraísos fiscais espalhados



por esse mundo afora.

Nós não queremos dinheiro não, nós queremos é que os projetos sejam dirigidos para gerar aumento de crescimento econômico e produção nos países mais pobres. E eu tenho dito, o Brasil não precisa desse fundo. O Brasil tem condições de, internamente, resolver o seu problema. Mas há países muito pobres que não sobreviveriam sem esse esforço.

Eu, portanto, gente, quero dizer a todos que o que nós fizemos vai ser avaliado por vocês nesta Conferência. Não tenham medo de fazer autocrítica, se não fizeram as coisas corretas, ou se erraram tentando acertar. A autocrítica, muito mais do que uma punição, é um gesto de humildade, da gente reconhecer que não fez aquilo que pensou que poderia fazer, no tempo pequeno que a gente teve para isso.

O que eu posso dizer para vocês, que se dedicaram esse tempo todo acreditando nisso é que tenham certeza de que vamos cumprir as metas que nos propusemos, compreendendo que o programa Fome Zero, a política de Combate à Fome e a política de transferência de renda não são um fim em si mesmos. Na verdade o que nós queremos é que cada homem e cada mulher, neste país e no mundo, possam tomar café, almoçar e jantar todo dia, às custas do seu trabalho, porque é isso que dá dignidade e respeitabilidade ao ser humano. Mas isso não justifica a gente não fazer nada.

Eu me lembro que quando eu comecei a minha militância política, a gente dizia: “nós vamos fazer tal coisa, vamos organizar um partido, vamos organizar o sindicato, vamos fazer uma Central”. As pessoas diziam: “Não, só vamos resolver o problema quando o socialismo chegar.” Então, tudo se resumia na construção do socialismo. Havia alguns que falam assim para mim: “Por que disputar eleição agora? Vamos construir, primeiro, uma sociedade socialista, depois a gente disputa.” E eu comecei a pensar nos anos que eu tinha, nos anos que faltavam. E eu falei: Se ficar esperando esse tal de socialismo, eu morro e não chego a Presidente da República. Eu vou é chegar



a Presidente da República para facilitar as coisas para o povo brasileiro.

Essa política de Combate à Fome é isso. Tem muita gente que diz: “Mas isso é proselitismo”. É proselitismo para quem está com o buquinho cheio. Eu me lembro, Ciro – você que é nordestino, um paulistano naturalizado cearense – que uma vez eu vim a um estado do Nordeste e não vou dizer qual, nem para falar mal, nem falar bem, e fui discutir a questão de uma vaca mecânica para produzir leite de soja numa cidade pobre. Aí, me apareceu um monte de nutricionistas de uma universidade importante, também aqui, do Nordeste, e disseram assim para mim: “Mas, companheiro Lula, você precisa levar em conta os hábitos alimentares dessas crianças.” Eu falei: “Mas, desgraça, essa criança não tem hábito alimentar, está morrendo de fome.” Que hábito alimentar tem essa criança? Hábito alimentar temos nós, aqui, que podemos comer. Mas uma criança de quatro anos, que tinha um braço da grossura do meu dedo... Coitada, não comia a língua porque não podia e a gente diz que tem hábito alimentar?

Então, precisamos parar de ser tão exigentes e tentarmos fazer as coisas que estão ao nosso alcance, no momento em que podemos fazer, sem deixar de brigar pelas mudanças estruturais. Eu fico olhando a cara de vocês e fico vendo: vocês são parte da parte boa deste país, da parte nobre deste país.

Eu queria só dizer para vocês, para terminar – não li o discurso, falei mais do que estava escrito aqui, sem precisar ler – eu queria dizer para vocês, sobretudo à nossa querida filha do Josué de Castro que o nosso companheiro Márcio Thomaz Bastos – e estou anunciando isso aqui oficialmente para vocês – e nós estamos trabalhando, no ministério da Justiça, a apresentação de um processo para que possamos garantir anistia política póstuma, a ser concedida pelo Estado brasileiro a Josué de Castro.

Acho que o mínimo que o Estado brasileiro pode fazer por este grande brasileiro é reconhecer, muitos anos depois da morte dele, que ele não era nenhum bandido, que ele não poderia ter sido jogado no esquecimento da



História do Estado brasileiro porque tinha discordâncias políticas de quem governava o país. Então, para recuperar a cidadania política do Josué de Castro, mesmo depois de morto, eu acho que vale a pena reconhecemos que um brasileiro como ele nunca deveria ter sido punido, mas premiado pelo Estado brasileiro, porque se preocupava com uma coisa com que o Estado deveria se preocupar. Por isso, vamos fazer esse reconhecimento histórico.

Quero terminar desejando que vocês sejam iluminados por Deus, que todos os santos possam iluminar vocês e que vocês possam tirar daqui as mais extraordinárias decisões. Eu dependo muito das decisões que vocês tomarem e, mais do que eu, o povo brasileiro depende da competência de vocês nas grandes decisões que vocês tomarão aqui, entre amanhã e depois de amanhã.

Muito obrigado. Boa conferência. E que Deus abençoe vocês.

[/rss/cms/lrj](#)